

## Redes de memória e de comemoração: reflexões sobre o “contato herdeiro” do Facebook

*Networks of memory and commemoration: Reflections about  
the “contact heir” of Facebook*



### RESUMO

Esse artigo integra uma pesquisa ampliada sobre a resignificação da morte na contemporaneidade midiática, em que a imbricação entre corpo, comunicação e tecnologias digitais de informação articula novas leituras sobre a temática da morte e do morrer. Nessa análise é desenvolvida uma reflexão sobre os usos da memória e das comemorações nas redes sociais digitais, especialmente no Facebook que, em 2015, criou a ferramenta “contato herdeiro”, promovendo de forma institucional a celebração dos mortos na rede. A partir de percurso bibliográfico e de pesquisa exploratória de redes sociais, o texto objetiva demonstrar como a ambiência digital opera como uma espécie de “guardiã da memória”, na medida em que celebra e atualiza as narrativas dos e sobre os mortos.

**Palavras-chave:** Morte e redes sociais – Facebook – Narrativas dos/sobre os mortos – Morte e memória

### ABSTRACT

This article is part of a larger research on the redefinition of death in the contemporary media, where an overlap between body, communication and digital information technologies articulates new readings on the theme of death and dying. In this analysis, we conducted a reflection on the uses of memory and commemoration in digital social networks, especially Facebook, which in 2015 created the “contact heir” tool, institutionally promoting the celebration of the dead on the network. Through literature review and exploratory research of social network, this paper aims to demonstrate how the digital ambience operates as a sort of “guardian of memory”, in that it celebrates and updates the narratives of and about the dead.

**Keywords:** Keywords: Death and social networks – Facebook – Narratives of/about the dead – Death and memory.

\* Doutora em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, Brasil. Professora e vice coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Mídia e Cotidiano (PPGMC-UFF) e professora do Departamento de Comunicação Social na mesma universidade. CV: <<http://lattes.cnpq.br/0869559062728292>>.



**N**a história do Ocidente, a atitude diante da morte é situada em um longo período e por essa razão, segundo Ariès (2003), uma das grandes dificuldades para o pesquisador é visualizar as mudanças significativas no processo do desenvolvimento de seu sentido, bem como a relação com a cultura. De forma geral, o *ethos* ocidental não incorpora a morte como parte da vida e o conceito está relacionado com uma ruptura, muitas vezes como castigo ou punição, pela ideia de finitude, que pode ser notada pela terminologia, em que morte significa "o fim da vida, fim, grande pesar" (Houaiss e Villar, 2001, p. 303).

*Marcada pelo ritmo acelerado de produção de imagens e informações e pautada pelo discurso do amplo presente (Gumbrecht, 2015, p. 134), a sociedade contemporânea indica, no entanto, transformações significativas sobre a dimensão corpórea, que se tornou obsoleta em diferentes aspectos cotidianos, ressignificando a experiência do fim da vida. O desenvolvimento do capitalismo e da sociedade midiaticizada<sup>1</sup> (pós-industrial), cuja tendência ancora-se na virtualização das relações humanas, fez surgir novos parâmetros de produção, novas espacialidades e outros sentidos sobre a morte e o morrer.* Essa midiaticização desenvolveu uma qualificação particular da vida, um novo modo de presença no mundo, em que o próprio indivíduo se converteu em realidade midiática, tornando-se imagem e mídia, investindo cada vez mais em uma imersão virtual significativa do jogo da visibilidade vigente (Sodré, 2002). Para Jameson (2000, p. 13), trata-se de uma sociedade na qual a produção de imagens deixou de ser um efeito de duplicação e representação, para tornar-se um processo de construção e simulação.

Segundo Lipovetsky, o desejo de não perder nada do tempo tem relação direta com a aceleração da vida contemporânea, uma vez que as informações se tornam defasadas rapidamente promovendo um esquecimento profundo e decompondo a própria noção de tempo. Daí surgiria, segundo ele, "um presente que substitui a ação coletiva pelas felicidades privadas, a tradição pelo movimento, as esperanças do futuro pelo êxtase do presente sempre novo" (Lipovetsky, 2004, p. 61). Nesse mundo de fluxos globais, de poder e multiplicação de imagens, a busca pela identidade, coletiva ou individual, atribuída ou construída, torna-se uma fonte de significados importantes. Cada vez mais pessoas se organizam em torno de um sentido, não necessariamente em torno do que fazem, mas no que acreditam que são ou que deveriam ser. A morte é um dos temas que vêm ganhando destaque nesse processo, seja pela relação com a materialidade, num mundo cada vez mais imaterial, seja pela relação com o tempo (finitude), numa sociedade que vive cada vez mais do instante e do eterno presente, ou pela relação com a memória, num corpo que, paradoxalmente, também pelo excesso de informação, vive sob a égide do esquecimento.

De acordo com Sodré (2002), as tecnologias digitais de comunicação viabilizaram a instituição de um *ethos* midiaticizado na contemporaneidade. Ao analisar os ambientes digitais, o autor aponta um novo modo de presença do sujeito no mundo, denominado de

1 Segundo Muniz Sodré, a midiaticização é uma ordem de mediações realizadas socialmente, no sentido da comunicação entendida como processo informacional, cuja ênfase se dá em um tipo particular de interação (tecnointeração). Trata-se de um dispositivo cultural historicamente emergente no momento em que o processo da comunicação é técnica e industrialmente redefinido pela informação (Sodré, 2002, p. 21-22).

*bios midiático*. Nessa ambiência, o usuário pode entrar e mover-se graças à interface gráfica, trocando a representação clássica por uma "vivência apresentativa", uma forma condicionante de experiência vivida, com características particulares de tempo e de espaço.

Assim como Sodré (2002) apontou um novo *bios*, relacionado ao desenvolvimento de tecnologias da comunicação e informação, aqui considera-se a existência de uma nova representação da morte ou uma nova relação com a morte, a partir do conceito utilizado pelo autor de *vivência áptica*. Recorrendo a ele, é possível afirmar a constituição de uma nova formalização da morte social implicando outra dimensão da realidade. Portanto, trata-se do surgimento de novas formas de percebê-la, pensá-la e contabilizá-la, o que não significa a extinção das formas tradicionais de cerimônias em torno da morte e de tudo o que a cerca, mas a coexistência e, até, a integração com o ciberespaço, no qual são proeminentes as tecnologias digitalizadas. Tal é a principal problematização apresentada no livro *A morte midiaticizada* (Ribeiro, 2015), resultado de pesquisa sobre redes sociais digitais de mortos, desde 2006.

Nessa perspectiva, verifica-se que as formas tradicionais de representação do "corpo morto" (como áudio, fotografia e filme, por exemplo) interagem com o espaço digital, expandindo a dimensão tecnocultural em que hoje também se movimentam os sujeitos sociais. Trata-se de uma nova modalidade de representação, que supõe outro espaço-tempo social (imaterialmente ancorado na velocidade do fluxo digital) e, decerto, um novo regime de experienciar a morte. Novas tecnologias de som e de imagem passaram a constituir um novo campo do audiovisual na rede, por meio da própria dinâmica da Internet, proporcionando ao receptor/usuário experimentar o mundo em seu fluxo. Assim, a morte passou a ser reapresentada, a partir da simulação de um tempo "vivo" ou "presente": o tempo da web 2.0.<sup>2</sup>

Contextualizando as transformações das tecnologias de informação e comunicação a partir de diferentes referenciais sobre a história da morte no Ocidente, foi realizado um percurso da representação da morte, da Idade Média à "Idade Mídia", ainda que em síntese e por meio de fragmentos (Ribeiro, 2015). Articulando conceitos de tempo/espaço, memória/esquecimento, o objetivo é problematizar a morte digital contemporânea, atravessada pelas novas mídias, particularmente pelas comunidades virtuais e redes sociais (em que a representação se fixou na produção de cemitérios digitais), na qual a gênese pode ser marcada, pelo menos no Brasil, na extinta rede Orkut.<sup>3</sup> A Internet, por meio das redes sociais e comunidades virtuais, passou a representar a morte em uma espécie de cerimônia cotidiana, formando um circuito de memória e comemoração dos mortos, numa espécie de cortejo digital (Ribeiro, 2015).

Localizada em uma pesquisa ampliada sobre a temática, a análise apresentada neste artigo se desenvolve particularmente sobre questões relativas ao lugar de memória produzido nas redes sociais. O que indica a possibilidade de laços de interatividade, de presença e

2 Designação da segunda geração, a partir do ano de 2004, de comunidades e serviços oferecidos na Internet por meio de aplicativos desenvolvidos em redes sociais e tecnologia de informação.

3 Rede social criada em 2004 e filiada à empresa Google. Foi extinta dez anos depois, em 2014, mas a empresa desenvolveu um museu de comunidades com mais de 1 bilhão de mensagens e cerca de 51 milhões de comunidades.



lembrança de um sujeito ausente. Nesse sentido, o território das redes sociais produz novas experiências sobre a morte e o morrer, articuladas pelas tecnologias digitais de comunicação sob o império das imagens. Neste texto são apresentadas algumas reflexões a partir da ideia de projeto de permanência, especialmente na rede social *Facebook*, que criou em 2015 a ferramenta "contato herdeiro" (nosso recorte de análise), institucionalizando os memoriais nesse território. A metodologia incluiu percurso bibliográfico a partir de diversos referenciais teóricos, especialmente sobre memória, além de análise qualitativa de rede social por meio de pesquisa exploratória. "O pesquisador, quando vestido de netnógrafo, se transforma num experimentador do campo, engajado na utilização do objeto pesquisado enquanto o pesquisa" (Kozinets *apud* Amaral, Natal e Vianna, 2008, p. 5). Segundo Kozinets, as análises netnográficas são variadas e "dependem do espectro", podendo ser "intensamente participativa até completamente não obstrutiva e observacional" (2007, p. 15). Os passos metodológicos levaram em consideração os estudos das estruturas decorrentes das ações e das interações entre os atores dessa rede (*Facebook*), na medida em que o próprio conceito de rede social compreende seus atores sociais e suas conexões (Recuero, 2009, p. 24). Nesse contexto, além de analisar as informações disponibilizadas na ferramenta "contato herdeiro", foi utilizado o espaço de buscas na própria *time line* (linha do tempo) da pesquisadora para coletar perfis que se tornaram memoriais a partir do uso de tal ferramenta. Não houve preocupação com dados quantitativos (por exemplo, número de usuários-memoriais na rede) nem com o tempo de manutenção desses perfis no ciberespaço, uma vez que a intenção principal foi mapear as possibilidades desse território informacional e as produções de sentido como práticas comunicacionais em torno da produção de memória dos "mortos digitais".

É importante destacar que o *Facebook* se justifica como importante rede digital, pois se trata da maior em atividade no mundo, agregando mais de 1 bilhão de usuários.<sup>4</sup> com capital negociado na bolsa de valores das empresas de tecnologia, Nasdaq, avaliado em mais de US\$ 100 bilhões. Fundado em 4 de fevereiro de 2004 e aberto ao público em 2006, é a rede social de maior alcance no Brasil, totalizando 92 milhões de usuários por mês, que representa 45% da população brasileira.<sup>5</sup>

## Morte e Memória

O culto aos mortos serve para assegurar uma espécie de conforto na crença de um além (pós-morte). Segundo Harald Weinrich, a morte é o mais poderoso agente de esquecimento e "os monumentos fúnebres fitam os vivos exortando-os a não esquecerem os mortos, e mesmo assim às vezes a esquecê-los um pouco, porque a vida continua" (Weinrich, 2001, p. 49). O autor

4 Ver mais em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/04/facebook-atinge-marca-de1-bilhao-de-usuarios-todos-os-dias.html>>. Acesso em: 05/06/2016.

5 Ver mais em: <<https://www.facebook.com/business/news/BR-45-da-populacao-brasileira-acessa-o-Facebook-pelo-menos-uma-vez-ao-mes.html>>. Acesso em: 05/06/2016.



afirma uma arte do esquecimento, não de forma onipotente, mas que leva em consideração que os homens sempre "ergueram trincheiras de recordação" contra o verbo esquecer. Tal atitude se daria especialmente na morte, em que a tentativa de manter as lembranças do morto pudesse fornecer vestígios que indicassem a existência de uma memória dos mortos, e, em um sentido mais amplo, forneceria sinais seguros da existência da própria civilização.

Segundo Patrick Geary, "a memória englobava toda a comemoração ritual dos defuntos: procissões funerárias, aniversários dos mortos, celebração litúrgica, fossem eles mortos comuns ou mortos 'muito especiais'". Por articular diferentes palavras e objetos, o termo *memoriae* passou a denominar igrejas e altares, mas também tumbas e monumentos funerários, que revelaram o simbolismo de relíquias sagradas ou profanas (2006, p. 167). Nos séculos IV e V, a Igreja Cristã definiu o que se tornou uma espécie de laço que os vivos deveriam manter com os mortos. De cura pro mortuis gerenda – ou os "cuidados devidos aos mortos" – foi um tratado redigido em torno de 421-422 por Santo Agostinho, que representou a carta funerária do Ocidente (Le Goff, 2003). De acordo com esse documento, a memória está longe de apenas representar o encontro com o passado, sendo a primeira faculdade mental dos homens. Para Santo Agostinho, a memória psicológica é o caminho para compreender a alma humana como reflexo de Deus; é a relação e ligação entre homem e Deus.

Segundo Agostinho, o Cristianismo medieval é uma versão cristã da trilogia antiga dos três poderes da alma: memória, inteligência e providência (vontade). Há um sistema de relações complexas entre o mundo dos vivos e o Além dos mortos, no qual a noção de trespasse ou rito de passagem se tornou insuficiente para entender a morte no ocidente medieval. Os costumes funerários, cuja principal função era preservar a lembrança, tecendo elos entre o mundo terreno e o Além, passaram a ser compreendidos em termos de intercâmbio entre vivos e mortos (Ribeiro, 2015).

Na Idade Média, a memória personifica os mortos pela articulação de palavras e manipulação de objetos, sejam tumbas, monumentos funerários, entre outros. Na contemporaneidade, o mesmo processo parece se estender às redes sociais digitais. Projeto e memória articulam-se para dar significado a determinado grupo social, em que cada comemoração passa a ter um sentido fundamental como elemento constituinte, desenvolvendo a manutenção de um laço de "interatividade", de presença de um indivíduo ausente. Experiências pessoais, relações amorosas, amigos, carreira, fragmentos de vida podem ser rememorados ou, ainda, atualizados no projeto de memória. O fluxo fugidivo do tempo da informação digital, ainda que paradoxalmente, faz com que o passado se torne cada vez mais híbrido ao presente, que vive sob a égide do futuro (com a intenção de desacelerar a morte, na medida em que a rememora). Ao mesmo tempo em que é preciso lembrar cotidianamente o morto, é necessário multiplicá-lo em fragmentos: imagens, textos, vídeos, na intenção de evocar cada vez mais o passado, reafirmando a memória e atualizando a política memorial. Para Nora (1984), vivemos uma "era patrimonial", devido à valorização constante do passado, ainda que recente.

Os lugares (simbólicos) construídos para os mortos ajudam a desenvolver as práticas para a "reprodução social do morrer". A morte se inscreve no interior de redes de relações e trocas, de



estruturas de poder e sistemas de significações. Sentidos que, hoje, também se configuram no ambiente digital. Para François Dosse (1998), é necessário entender os gestos comemorativos dentro de um projeto de mudança que inclui o próprio regime de historicidade. Nesse sentido, a relação entre passado, presente e futuro é essencial. Segundo o autor, na contemporaneidade, o futuro é perseguido como meio de intensificar o presente: as comemorações não apenas trazem à tona o passado, mas um horizonte de expectativa que antecipa o futuro como desejo de permanência, na medida em que intensifica o presente. Esse "momento memorial" que tenciona o presente recorre a elementos com valores performativos. A função da evocação do passado nas comemorações é construí-lo e, dessa forma, inventá-lo. Assim, o passado pode ser convocado ao presente para permitir a criação de novas sociabilidades, bem como preservar e marcar lugares e momentos próprios, ainda que como tentativa de reconstrução. Essa é a finalidade dos memoriais das redes sociais digitais.

### **Circuitos de memória: morte e projeto de permanência**

No mundo contemporâneo, cada vez mais indivíduos compartilham interesses, ideias e relacionamentos por meio de redes colaborativas na Internet. As redes sociais mobilizam diferentes usuários, que agregam informações, construindo-se e comunicando com outros atores cotidianamente. Nesse cenário, a temática da morte não escapa ao desenvolvimento e uso das tecnologias digitais e é nesse sentido que as redes sociais são utilizadas também na intenção de estabelecer um "projeto de permanência" para os mortos, com o objetivo de atualizar o "discurso comunitário" em torno/e sobre a morte na contemporaneidade midiaticizada e, por certo, expressar o reconhecimento e sofrimento (pelo processo de catarse) do luto.

Segundo Freud (2011, p. 47), o luto é "a reação à perda de uma pessoa amada" e apresenta o mesmo estado de ânimo doloroso da melancolia (exceto pela perturbação do sentimento de autoestima), caracterizando-se a partir da "perda de interesse pelo mundo externo (na medida em que este não faz lembrar o morto)" e afastando o indivíduo de toda e qualquer atividade que não tenha relação com a memória do morto. Segundo Bousso (2011), trata-se de uma consequência do perder/finalizar uma relação significativa e é, ao mesmo tempo, uma experiência privada, na medida em que é vivida por cada um de forma ímpar e pública, porque a construção do luto é realizada em uma relação articulada à cultura. "O luto é o processo normal e esperado de elaboração psíquica e enfrentamento da vivência de perdas significativas, que implica na transformação e ressignificação da relação com o que foi perdido" (Bousso et al, 2014, p. 175). Nesse sentido, o indivíduo experiencia o luto no contexto da cultura em que está inserido e, embora a dor da perda seja universal e ainda existam constrangimentos sobre a narrativa da morte e do luto, hoje, a sociedade contemporânea ocidental dá indícios de que a interação subjetiva sobre a temática está mais aberta, principalmente na espacialidade da rede, na qual a expressão do luto vem sendo intensificada. Segundo os autores, "os sites





de redes sociais online podem facilitar o enfrentamento do luto não só como um espaço de expressão com liberdade de discurso e possibilidade de suporte social, mas também por oferecer a oportunidade de interações que ajudam a refletir sobre sua relação com o falecido e suas próprias emoções" (Idem, p. 177).

Há diferentes usos produzidos na ambiência digital: funerais<sup>6</sup> são transmitidos pela internet; portais como *Dead Social*<sup>7</sup> e *If I die*<sup>8</sup> oferecem serviços que permitem aos usuários enviar mensagens póstumas, planejar o próprio funeral e escrever obituário; além das diversas comunidades virtuais, como a *Profiles de Gente Morta*, hoje no *Facebook*<sup>9</sup>, mas que ainda no *Orkut*<sup>10</sup> reunia perfis de usuários que integravam a rede e morreram "na vida física", o que é denominado de cemitérios digitais.<sup>11</sup> Tais ferramentas e usos desenvolvidos são exemplos da maneira como a vida na ambiência da rede incorporou questões referentes à morte e ao morrer, o que tem relação direta com a memória, com a possibilidade de permanência após a morte. Nesse sentido, essas experiências podem ser compreendidas enquanto projetos de permanência, na intenção de produzir uma lembrança privada dos mortos em culto público (midiatizado), promovendo um ritual que fortaleça a memória para além da sepultura e estendendo o tempo entre o fato da morte e as ocasiões habituais de uma *commemoratio mortuorum*. Segundo Gilberto Velho (2003), todo projeto depende, basicamente, da memória, pois é ela que fornece os vestígios do passado para produzir "as circunstâncias do presente".

Os usos das comunidades virtuais e redes sociais no ciberespaço<sup>12</sup> operam como instrumentos que desenvolvem estratégias de memorialização, elevando determinados fatos à categoria de evento, de espetáculo, construindo cerimônias que promovem uma visibilidade da morte a partir das comemorações. Um exemplo mais atual é a ferramenta "contato herdeiro", lançada pelo *Facebook* em 2015, nas configurações de segurança do perfil do usuário da rede, como é possível verificar na figura 1.

6 Um desses exemplos pode ser verificado em: <http://www.planosaf.com.br/funeral-online.html>>. Acesso em 15/08/2016.

7 Ver mais em: <<http://deadsocial.org>>. Acesso em: 15/08/2016.

8 Ver mais em: <<http://ifidie.net/>>. Acesso em: 15/08/2016.

9 Idem nota 3.

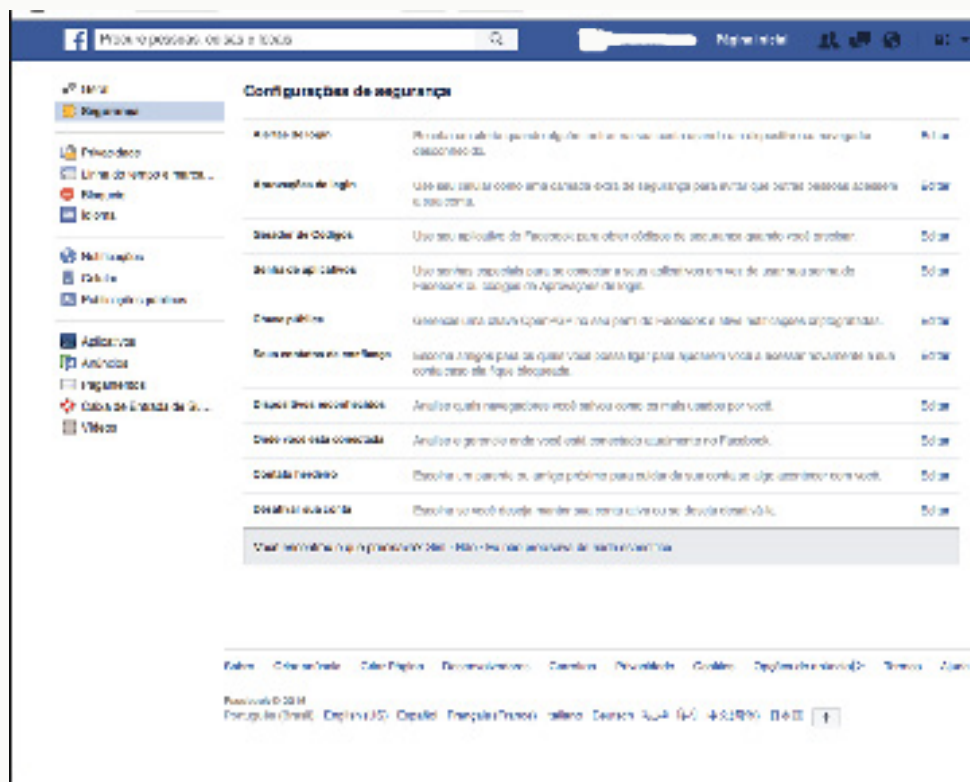
10 Rede social criada em 2004 por [Mark Zuckerberg](#). Ver mais em: <[www.facebook.com](http://www.facebook.com)>.

11 Ver mais em: Rezende, 2011.

12 Segundo Wertheim (2001), trata-se de um território comunicacional e de práticas culturais que envolvem sujeitos e objetos no interior de uma teia de conexões, onde novas possibilidades são desenvolvidas e múltiplos sentidos são atualizados.



Figura 1. Página das configurações de segurança onde é possível visualizar o link “contato herdeiro”



Fonte: Print da autora

Antes dessa ferramenta, o Facebook permitia que os familiares comunicassem a morte de usuários por meio de atestado de óbito, para que o perfil fosse transformado em memorial. Mas agora, a empresa institucionalizou o serviço, oferecendo a possibilidade de a escolha do “herdeiro” ser em vida, como uma espécie de testamento da rede social. Segundo a gerente do produto, Vanessa Calisson-Burch, “o usuário pode se planejar e fazer uma escolha sobre quem vai administrar sua conta”.<sup>13</sup>

O próprio texto do Facebook afirma que o “contato herdeiro” é alguém escolhido pelo usuário para “gerenciar a conta após o falecimento” e informa o que esse “amigo escolhido” poderá fazer na rede do usuário. Entre as possibilidades, constam: escrever publicações, como uma mensagem final em nome do morto; responder às novas solicitações de amizade; atualizar a foto do perfil e de capa; além de permitir que esse contato “baixe uma cópia” de tudo o que o usuário compartilhou quando vivo. O link também informa o que não é permitido ao “contato herdeiro”, como remover ou alterar publicações, ler mensagens privadas e remover amigos (ver figura 2).

13 Ver mais em: <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2015/09/1681006-brasileiro-ja-pode-escolher-herdeiro-para-o-seu-facebook-em-caso-de-morte.shtml>>. Acesso em: 15/08/2016.



Figura 2. Informações sobre o contato herdeiro



Fonte: Print da autora

A indicação do "contato herdeiro" também explicita que o perfil será transformado em memorial. Segundo o *Facebook*, "as contas transformadas em memorial são um local onde amigos e familiares podem se reunir para compartilhar lembranças, após o falecimento de uma pessoa" (figura 3). Desta forma, "a página do falecido oferece um espaço para os amigos expressarem seu sofrimento abertamente, em um local onde outros também colocam seus pensamentos e sentimentos" (Bouso; Ramos; Frizzo; Santos & Bouso, 2014, p. 177).

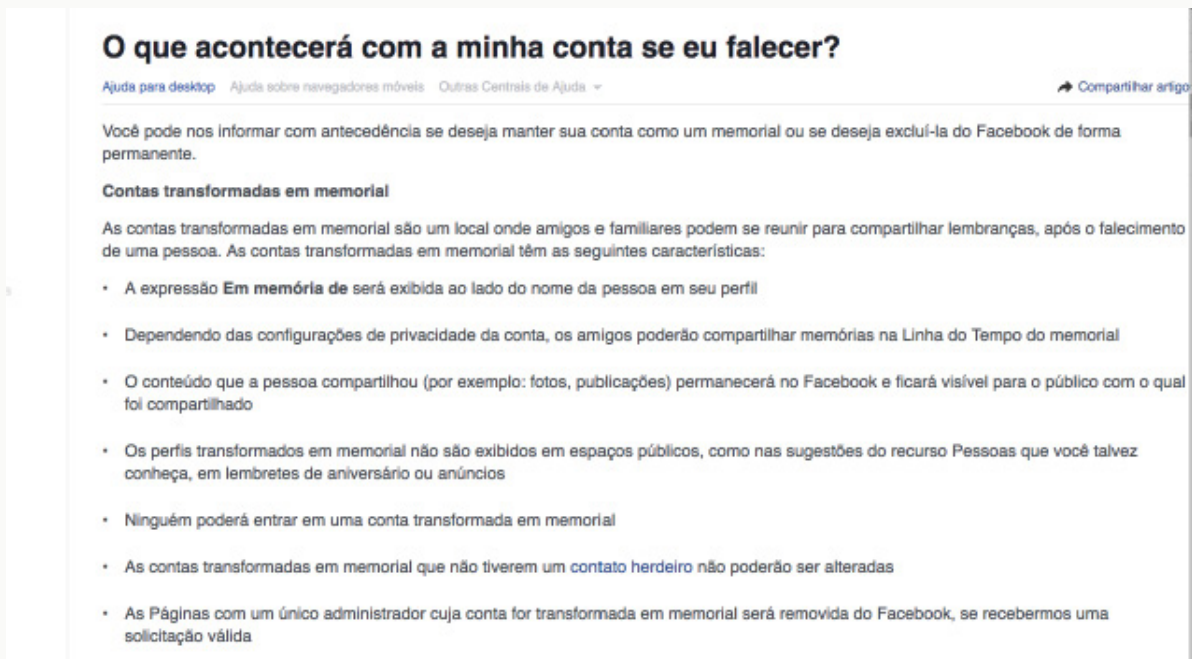
Figura 3. Mais informações sobre o “contato herdeiro”



Fonte: Print da autora

As contas transformadas em memorial têm as seguintes características, segundo o próprio Facebook: a expressão “em memória” é exibida abaixo do nome da pessoa; de acordo com a privacidade da conta, os amigos podem continuar compartilhando memórias na linha do tempo; o conteúdo do perfil permanecerá na página; os memoriais não são exibidos em espaços públicos; as contas que não tiverem um contato herdeiro não podem ser alteradas e as páginas com um único administrador, cuja conta foi transformada em memorial são removidas, em caso de solicitação válida da família. Há ainda uma série de links que informam mais detalhes e tiram possíveis dúvidas sobre os perfis memoriais e “contatos herdeiros”, como no exemplo da figura 4.

Figura 4. Exemplo de link de dúvida



Fonte: Print da autora

Por todo esse contexto, as redes sociais operam novos espaços para pensar e falar sobre a morte que, circulada nessa ambiência, divulga por meio de inúmeros bancos de dados dos usuários imagens, textos, vídeos, em uma "celebração do corpo morto". Segundo Bousso et al. (2014, p. 177), "a presença de uma rede de suporte eficiente facilita no enfrentamento da experiência de indivíduos enlutados". Para os autores, o ideal seria o uso das redes no período da doença, quando for o caso, pois tais espaços podem colaborar para uma compreensão de sentimentos retraídos que podem ajudar na elaboração do luto (Idem, p. 173). Pardo e Morcate (2016), que investigam a morte por meio da fotografia, particularmente na relação com a doença e o luto, afirmam que projetos desse tipo podem representar uma espécie de elemento de defesa social para a consciência ou um tributo aos moribundos. De acordo com as autoras, em muitos casos, os sujeitos têm a necessidade de explicar o que acontece, de expressar publicamente o que estão sentindo e utilizam as imagens e as redes sociais para se manifestar o contato com outros que estejam passando pela mesma situação.

Ao entrar nesses memoriais e analisá-los com mais vagar, constata-se que a representação da morte é construída a partir de intensas trocas culturais promovidas pelos encontros entre os membros (amigos, familiares ou até desconhecidos), possibilitando a circularidade das produções simbólicas do morrer, particulares ou globalizadas (se anônimos ou famosos), que articulam, desarticulam e rearticulam a memória dos "corpos mortos". Constituindo-se em um fluxo contínuo, a narrativa dessas redes aponta para as comemorações que servem à construção de uma temporalidade, na qual passado, presente e futuro parecem

se confundir em torno da ideia de desaceleração, de permanência, como um projeto de memória (Ribeiro, 2015). O passado se daria a partir do fato (causa da morte); o presente, pela costura da narrativa a partir dos membros que cotidianamente continuam a fazer comentários, curtir ou compartilhar<sup>14</sup> informações no perfil/memorial do morto; e o futuro como projeto de permanência, a partir de certa materialidade (fotos, vídeos, textos, sons), ainda que alojada em um ambiente imaterial.

Para Barbosa (2007, p. 54), as comemorações servem à "construção de uma dada temporalidade", na qual os usos de marcos comemorativos reatualizam o passado, sendo extremamente importantes na produção midiática, marcada principalmente pela lógica da urgência, da velocidade do presente. A retórica midiaticizada, na junção do passado com o presente, estabelece uma articulação entre informação e espetáculo, materializando as narrativas comemorativas. "Se a memória histórica se condensa em torno dos lugares e dos monumentos, também se sintetiza em torno das celebrações. E nesta construção e, por extensão, na constituição de uma dada identidade coletiva, que a mídia desempenha papel essencial" (Barbosa, 2007, p. 55). Assim, é possível afirmar que projetos na Internet, como o memorial do Facebook, são uma espécie de guardião das lembranças do morto, passando, de certa forma, a promotora de seu "renascimento", já que a narrativa é atualizada frequentemente, mas mantém conteúdos idos, deixados nesse lugar pelo próprio usuário quando vivo.

No geral, na descrição do perfil, há uma narrativa sobre os detalhes da causa da morte do usuário, como a marcação do tempo e os fatos relacionados aos principais momentos. A lógica se dá entre o fato (a morte) e sua repetição, por meio das homenagens dos amigos, que configuram as narrativas posteriores e possíveis de atualização constante (por meio de textos, fotos e/ou vídeos postados). Na figura 6, o exemplo do perfil de uma jovem,<sup>15</sup> estudante de rádio e TV, que foi assassinada. Ao percorrer as mensagens postadas pelos amigos e familiares, é possível saber mais sobre sua identidade, bem como detalhes sobre sua morte, circunstâncias, tempo, aniversário de vida e de morte, entre outras informações.<sup>16</sup>

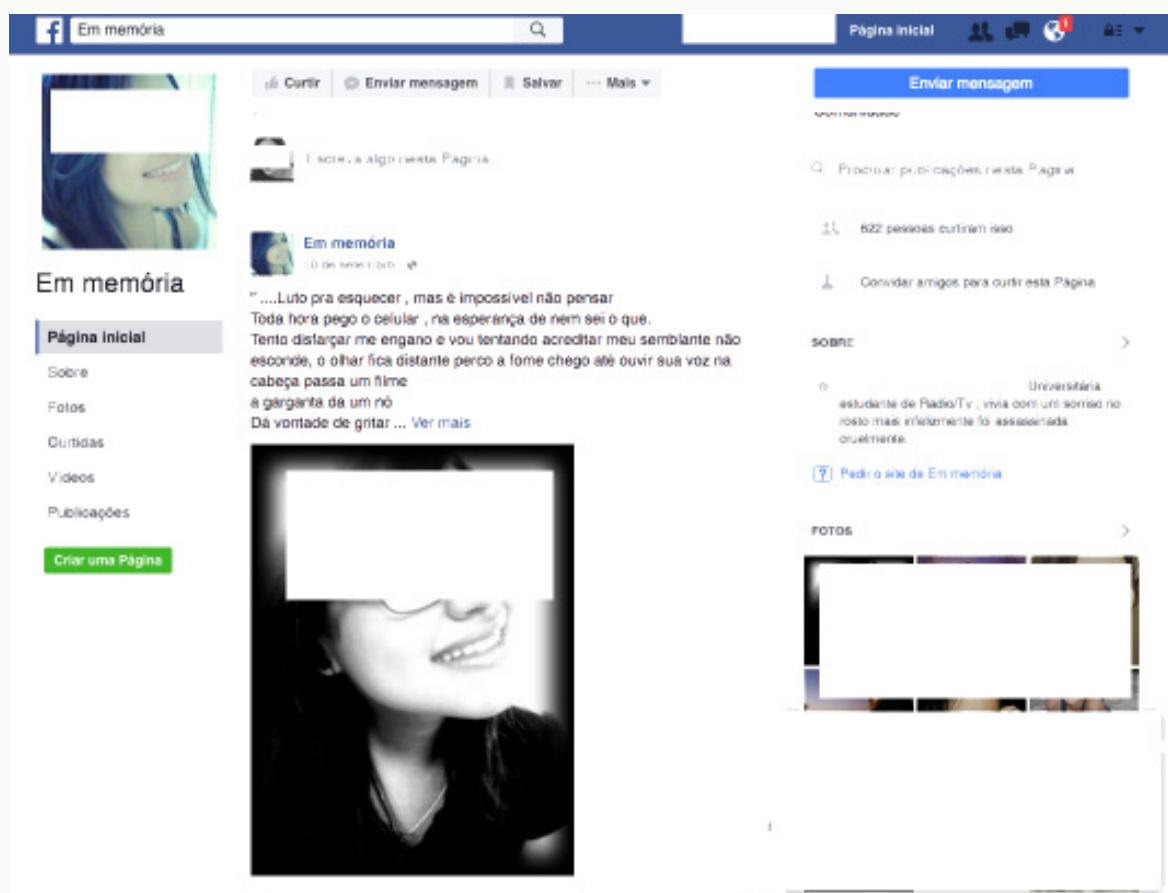
14 No *Facebook*, comentar, curtir e compartilhar são funcionalidades da rede, na qual o usuário pode atuar no próprio espaço ou dos amigos (perfil). Ver mais em: <[www.facebook.com](http://www.facebook.com)>. Acesso em: 15/08/2016.

15 Foi retirada a identificação (nome e fotos)

16 Por se tratar de um perfil privado, apesar de aberto no *Facebook*, optei por preservar a identidade da usuária, como prática de sigilo desse tipo de pesquisa.



Figura 5. Exemplo de Memorial de usuário privado



Fonte: Print da autora

Na figura 6, outro exemplo semelhante. Nesse caso, trata-se de perfil-memorial público. "Janete Clair – Em memória" é um espaço biográfico mais destinado aos fãs, em que os usuários podem ter acesso a diversas informações sobre a vida da escritora, além de vídeos e links de suas obras.



Figura 6. Exemplo de Memorial de usuário público



Fonte: Print da autora

Por sua capacidade de misturar presente e passado, é possível entender o papel dessas redes de mortos como guardiãs da memória e produtoras de comemorações, ainda que não seja conhecida a duração de tais suportes. A efemeridade das redes sociais é notória, na medida em que o próprio *Orkut* foi exemplo disso (extinto em 2014), conforme citado. No entanto, é evidente a quantidade de dados que circulam no ciberespaço como um todo e como tais redes migram nesse mesmo espaço, de acordo com o desenvolvimento tecnológico. Para Lopes, Maciel & Pereira (2013, p. 416-417), “os memoriais digitais apresentam uma mudança na prática social de memoriais, configurando-se como uma possibilidade mais democrática e acessível para a homenagem a um falecido”.

Há que se marcar também que, mais que a tecnologia e os usos desses territórios, tal reflexão é, antes de tudo, uma busca de compreender a transformação do comportamento



e da cultura sobre a morte e o morrer na sociedade contemporânea circundada pela mídia. Nesse sentido, tais comemorações reinstauram uma dada memória como lugar de coexistência de memórias coletivas que também consistem em uma busca de compreensão da contemporaneidade. A ambiência digital contemporânea abriga os "santuários de memórias", lugares em que são desenvolvidas âncoras memoráveis (Barbosa, 2007) que, segundo Nora (1984), são marcadas pela dessacralização do passado, ao mesmo tempo em que criam uma ilusão de preservação desse tempo. A vontade de "tudo guardar e nada perder" está vinculada ao desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação e informação, particularmente as redes sociais, que possibilitaram um arquivo indeterminado de dados. Para Colombo (1991), vivenciamos o "tempo dos arquivos", que incorpora uma infinidade de "cronômetros sociais", a fim de estabelecer os ritmos e as durações da própria existência. Um tempo no qual a ordem só pode emergir em sua relação com a memória, que se define também em função da colocação temporal segundo os objetos recordados.

Um dos traços importantes dos arquivos das redes sociais é a fragmentação: "tecer um relato implica descartar, modelar, suspender, porém sempre considerando o pano de fundo da totalidade, tudo aquilo que permanece na suspensão da virtualidade" (Sibilia, 2008, p. 143). A constante e permanente atualização da memória nas redes sociais é parte da tessitura narrativa do próprio modelo da internet, cuja marca é hipertextual. Se o mundo contemporâneo é marcado, sobretudo, pela lógica do instante, pela informação que se atualiza segundo a segundo, *on line*, essas redes não fogem à regra, constituindo a memória como acontecimento, restabelecendo uma lógica narrativa na qual o passado pode ser atualizado, na medida em que é "utilizado" concomitantemente ao presente, criando fragmentos de memória em espaços de celebração. Nesse contexto, as redes sociais digitais assumem também uma função política, na medida em que, simbolicamente, atuam como herdeiras da morte. Para Halbwachs, para que se produza memória na relação com os outros, é preciso ir além dos depoimentos.

*É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (Halbwachs, 2006, p. 34).*

As atualizações nessas redes podem funcionar a partir de marcos comemorativos que se dão em diferentes elementos e dados, como a data de aniversário de nascimento do morto, ou o "aniversário de morte" (data do acontecimento), alguma lembrança de viagem por meio de texto ou foto, entre outros episódios rememorados pelo "contato herdeiro" ou por amigos na *timeline* (linha do tempo do perfil). Esses testemunhos acabam por costurar uma narrativa sobre o morto, dotando-a de sentido, seja pelos lamentos ou pelas lembranças. Por meio das



diferentes mensagens, os usuários traçam uma biografia do falecido e ajudam na construção do memorial, atuando na manutenção (e invenção) desse "corpo morto".

Esse passado nos memoriais do *Facebook* passa a ser elemento de identificação para os usuários que participam dessa rede na promoção dos gestos comemorativos, embora promova certa dicotomia, na medida em que "vive" de sua atualização e não somente de rememoração, "reprodução". Nesse contexto, é importante marcar, segundo Ricoeur (2010), que o tempo humano é narrativa, uma vez que a formulação de seu sentido advém da possibilidade do homem de narrar o mundo, de tornar visível a maneira como determinada época experimenta uma própria temporalidade, construindo uma dimensão histórica. A experiência temporal contemporânea inclui, portanto, um conjunto de sensações e consciências, segundo os contextos de nossa época, atravessada pela mídia.

## Considerações Finais

Nesse cenário das redes sociais digitais, verifica-se o projeto coletivo de memória dos mortos em que as construções estão relacionadas a um sistema crescente de articulação, na qual as identidades dos indivíduos são potencializadas. A noção de projeto, segundo Schutz (*apud* Velho, 2003, p. 27 e 40), é a conduta orientada para atingir determinados fins. Refere-se, no nível individual, à "performance, às explorações, ao desempenho e às opções" dos atores sociais, ancoradas em dada realidade. Dessa forma, o projeto relaciona-se às circunstâncias inscritas em um campo de possibilidades, dentre um universo de escolhas. De acordo com Velho (2003), o projeto é uma possibilidade de dar sentido à experiência fragmentadora das complexas sociedades contemporâneas, em que coexistem diferentes visões de mundo, permitindo que os indivíduos se façam e se refaçam através de suas trajetórias existenciais, sejam hoje públicas ou privadas.

A memória é o que dá densidade às comemorações. No tempo desarticulado do mundo contemporâneo, da liquidez (Bauman, 2001), faz-se necessária a construção de um projeto coletivo comum, a fim de viabilizar projetos individuais, cujos objetivos são específicos; o que inclui a morte e o morrer. O que viabiliza a realização de projetos individuais é "o jogo" e a interação desses dois. O projeto é, portanto, instrumento de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos (Velho, 2003), daí a importância da produção de memórias para a tessitura narrativa.

Para Halbwachs (2006), a relação entre memória individual e coletiva depende de muitos fatores: é preciso que o indivíduo concorde com a memória do grupo e que existam pontos de contato entre a lembrança dele e do grupo que o faça recordar e que desperte a vontade de reconstruir a memória sobre uma base comum. Assim, a construção da memória coletiva tem sua força e duração na base de um conjunto, formado pelos indivíduos que



se lembram, enquanto parte de um coletivo. Cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que pode ser modificada de acordo as relações entre os sujeitos e os ambientes. Enquanto indivíduos, só é possível lembrar do que foi experimentado em determinado momento. No entanto, também há uma produção de sentido por meio do tempo: "há um contato direto com o passado, que o precede e condiciona a reconstituição histórica" (Halbwachs, 2006, p. 45). Tal lembrança é o que o autor denomina instituição sensível, um elemento que está na consciência individual, mas que em contato com o coletivo se torna uma experiência avassaladora.

É o que ocorre nas redes sociais digitais: a relação que se estabelece nesses ambientes impressiona, na medida em que faz sentir a ausência de nossos mortos, ao ativar nossa estrutura sensível. Dessa forma, cada aspecto do memorial pode ser um elemento que contribui para recordar as lembranças dos mortos, ainda que pelos outros. Talvez, por isso, tantos relatos de terceiros, de pessoas que não conheciam os mortos, mas que se mobilizam pelo desejo de atuar na construção dessa memória coletiva, de pertencer àquela narrativa de alguma forma.

Segundo Halbwachs (2006), para preencher a lacuna da memória dos mortos, os sujeitos retornam a determinados espaços de reconhecimento (que se tornam quadros de memória). Nesses circuitos, os sujeitos reencontram as ligações com seus mortos. O fluxo constante de mensagens e a promoção de cerimônias nos memoriais das redes sociais digitais interferem diretamente no cotidiano dos usuários, lançando-os em outro registro de experiência. Como só possuímos a experiência da morte através do outro, a Internet passou a possibilitar a "experiência do fim da vida" de forma mais "interativa", pela construção das comemorações, que trazem à tona o corpo então ausente, na medida em que é possível escrever, inserir fotos, vídeos, editar, copiar e colar fragmentos de vida, a partir da morte, em uma espécie de "reunião coletiva". Ao mesmo tempo em que alimentam o desejo de esquecimento da morte de si, os meios de comunicação são a via principal de contato com a morte do outro: "a memória construída sobre como se operacionalizava a repressão aos meios de comunicação é um trabalho de múltiplas significações, não apenas referentes ao passado, mas, sobretudo, ao presente, com vistas ao futuro" (Barbosa, 2007, p. 17).

As redes sociais configuram um projeto de memória, na medida em que se forma uma *mnemoteca* da morte, na qual as *biografias dos mortos* são constituídas em conjunto, pelos fragmentos deixados pelo usuário quando vivo (perfis) e pelos relatos dos participantes da rede. sob a forma de testemunhos individuais e/ou coletivos. Assim, projeto e memória se articulam para dar significado a essas comunidades, onde a trajetória de cada "morto digital", famoso ou anônimo, se torna elemento constituinte daquele ambiente tecnológico. Enquanto tentativa de construção de um corpo permanente, de um corpo eterno, a 'digitalização do morto' torna-se manutenção de um laço de interatividade e presença de um sujeito então ausente. As experiências de vida daquele sujeito, sejam elas relações pessoais, amorosas, profissionais, entre outras, são fragmentos de vida que podem ser rememorados, reatualizados ou reelaborados sob a perspectiva do projeto tecnológico. Portanto, trata-se de um projeto com dimensão racional e consciente, que se relaciona com circunstâncias inscritas no campo



de possibilidades segundo o suporte tecnológico para manter ou modificar a representação dos "corpos mortos" ali disponibilizados. Tais recursos permitem pensar o conceito de memória como uma edificação aberta, que se configura diante dos deslocamentos e fragmentações possíveis e realizadas nessa ambiência (Ribeiro, 2015).

O próprio processo de constituição da memória torna-se provisório, variável, fluido, com uma espécie de "celebração móvel", formada e transformada continuamente pelos membros atuantes naquele espaço. As narrativas são reconstruídas ou atualizadas, evidenciando o processo referente às múltiplas possibilidades do lembrar que são reinventadas em um circuito próprio de produção. No tempo desarticulado da contemporaneidade, em que as identidades tornam-se ainda mais fluidas, a construção de um projeto comunitário articula-se a partir do "jogo" da interação entre os interesses individuais e os coletivos. O projeto é, portanto, instrumento de negociação da realidade com outros atores.

Conforme mencionado, a partir de Velho (2003), o projeto é uma possibilidade de dar sentido às complexas sociedades contemporâneas, permitindo que os indivíduos se façam e refaçam, por intermédio dos percursos de suas experiências. A memória é, para o autor, o que dá consistência à biografia. A consciência e a valorização de uma individualidade singular é o que possibilita a condução desse tipo de projeto. Desta forma, a produção e a conservação da memória dos mortos em redes sociais são formas de estabelecer uma espécie de diálogo mais efetivo e interativo entre os grupos estabelecidos em torno do morto, na medida em que esses espaços desenvolvem uma espécie de cerimônia mortuária tecnológica, mediante seus dispositivos, já que a plataforma permite o fluxo constante de mensagens, lançando os usuários em outro registro de experiência da morte e do morrer. Supostamente, esse corpo morto abriga a ambiguidade de, naquela plataforma comunicacional, tornar-se pura imagem (espectro), característica que doa sentido complexo, na medida em que ali se trata de um "morto-vivo". A construção de memoriais em redes digitais de informação associa-se à própria imagem da cultura contemporânea: "por mais que esses túmulos estejam vazios de quaisquer restos mortais identificáveis, ou almas imortais, eles estão, porém, saturados de fantasmagóricas imaginações" (Anderson, 1989, p. 17).

## Referências bibliográficas

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANNA, Luciana. Netnografia como aporte metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital. *Cadernos da Escola de Comunicação*. Curitiba, v. 6, p. 1-12, 2008. Disponível em: <<http://revistas.facbrasil.edu.br/cadernoscomunicacao/index.php/comunicacao/article/viewFile/60/59>>. Acesso em: 25/10/2016.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1989. 191p.

ARIËS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. 312p.

BARBOSA, Marialva. *Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória*. Niterói, EDUFF,



2007. 172p.

BAUMAN, Zigmunt. *A modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 280p.

BOUSSO, Regina. A complexidade e a simplicidade da experiência do luto. *Acta Paulista de Enfermagem*. São Paulo, v. 24, n. 3, p. VII-VIII, 2011. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-21002011000300001&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002011000300001&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 03/11/2016.

\_\_\_\_\_ et al. Facebook: um novo locus para a manifestação de uma perda significativa. *Revista de Psicologia USP*. São Paulo, v. 25, n. 2, p. 172-179, 2014. <<http://www.scielo.br/pdf/pusp/v25n2/0103-6564-pusp-25-02-0172.pdf>>. Acesso em: 03/11/2016.

COLOMBO, Fausto. *Arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica*. São Paulo: Perspectiva, 1991. 134p.

DOSSE, François. Entre histoire et mémoire: une histoire sociale de la mémoire. *Revue Raison Présent*. Mémoire et Histoire. Paris, NER, n. 128, p. 5-24, 1998.

FREUD, Sigmund. *Luto e Melancolia*. São Paulo: Cosac & Naif, 2011. 144p.

GEARY, Patrick. Memória. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário Temático do Ocidente Medieval*. Vol. II. São Paulo: Edusc, 2006, p. 167-181.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Nosso amplo presente: o tempo e a cultura contemporânea*. São Paulo: Unesp, 2015. 160p.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006. 224p.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. 2048p.

JAMESON, Fredric. *Pós-modernismo – a lógica cultural do capitalismo tardio*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000. 412p.

KOZINETS, Robert. Netnography 2.0. In: BELK, Russel (ed.). *Handbook of qualitative research methods in marketing*. Northampton: Edward Elgar Publishing, p. 129-141, 2007.

LE GOFF. *História e Memória*. 5.ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. 524p.

LIPOVETSKY, Gilles. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004. 136p.

LOPES, Aron Daniel; MACIEL, Cristiano; PEREIRA, Vinicius. Memoriais Digitais na Web Social sob a perspectiva dos usuários. In: *IHC 13 Brazilian Symposium on Human Factor in Computing Systems*, Manaus, 2013, p. 416-417. Disponível em: <[https://www.academia.edu/15727896/Memoriais\\_digitais\\_na\\_web\\_social\\_sob\\_a\\_perspectiva\\_dos\\_usu%C3%A1rios](https://www.academia.edu/15727896/Memoriais_digitais_na_web_social_sob_a_perspectiva_dos_usu%C3%A1rios)>. Acesso em: 03/11/2016.

NORA, Pierre. *Les lieux de mémoire*. Paris: Gallimard, 1984. 1652p.

PARDO, Rebeca; MORCATE, Montse. Illness, death and grief: the daily experience of viewing and sharing digital Images. In: GÓMEZ CRUZ, Edgar; LEHMUSKALLIO, Asko (Ed.). *Digital Photography and Everyday Life*. London: Routledge, 2016, p. 70-84.



RECUERO, Raquel. *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009. 206p.

REZENDE, Renata. Um lugar para os mortos: os usos das comunidades virtuais como cemitérios digitais. In: *Anais do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste (São Paulo, SP, 12-14 de maio de 2011)*. São Paulo: Intercom, 2011. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-1262-1.pdf>>. Acesso em: 25/10/2016.

RIBEIRO, Renata Rezende. *A morte mediatizada: como as redes sociais atualizam a experiência do fim da vida*. Niterói: Eduff, 2015. 223p.

RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa 1: a intriga e a narrativa histórica*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010. 379p.

SIBILIA, Paula. *O show do eu: a intimidade como espetáculo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. 286p.

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis: Vozes, 2002. 268p.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose*. Antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003. 140p.

WEINRICH, Harald. *Lete: arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 346p.

WERTHEIM, Margaret. *Uma história do espaço: de Dante à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001. 238p.

*Recebido em: 30 de setembro de 2016.*

*Aprovado em: 09 de novembro de 2016.*

